

## O Poeta das «Peninsulares»

Maria Olívia Nogueira

JOSÉ Simões Dias nasceu na Benfeita em 1844. Completa o Curso Teológico aos 17 anos.

Funda com Emídio Navarro e Lopes Praça o jornal *Academia* e com Teófilo Braga e Duarte Vasconcelos, funda a *Crisálida*. Colabora na *Folha* de José Penha e em vários periódicos de Coimbra: *Tira-Teimas*, *Phosphoro*, *Harpa*, *Átila...* e ainda no *Povo*, *País*, *Estrela da Beira*, *Comércio de Coimbra*.

Apenas com 19 anos publica *Mundo Interior*. A crítica é-lhe favorável.

Bacharel formado em Teologia, com 24 anos é convidado a fazer parte do corpo docente da Universidade e a doutorar-se. Opta pelo lugar de professor na cidade de Elvas. <sup>(1)</sup>

Aí colabora na *Democracia* com o padre Henrique de Andrade, que será o seu primeiro biógrafo.

Deixa-se inspirar pelo *Hissope* de António Dinis da Cruz e Silva, por causa da sátira social viva, irónica e sarcástica que, volvido um século, ainda considera actual. E concebe a *Hóstia de Oiro*, poema herói-cómico, onde satiriza algumas personalidades da época.

Na sequência da poesia social, escreve também *Ruínas*, canções da nossa idade. Inclui um notável post-scriptum que dir-se-ia ter sido escrito na actualidade: «o autor deste livro não está filiado em nenhuma escola literária, nem política. Respeitador de todas as crenças não pede para as suas o selo de nenhuma chancelaria. Expõe-as com a franqueza do seu carácter, com o entusiasmo da sua convicção, com a lealdade que sempre usou para com os adversários. Guiado pela sua consciência, expõe o que sente com a rudeza própria da verdade. E bem! que já hoje podemos dizer a verdade sem reticâncias, nem refulhos...

(...) As *Ruínas* são a genuína expressão de um desejo - chamar a atenção pública para as grandes questões religiosas e políticas, de

---

<sup>(1)</sup> FRIAS, Visconde Sanches de, *Memórias Literárias*, apreciações críticas, Empresa Lit. e Tipográfica, Porto, 1909, ps. 198 e seg.

cuja solução depende a prosperidade deste país». <sup>(2)</sup>

Em Elvas escreve *Estudos sobre Literatura Hespanhola Contemporânea*, que em 1877 reformula, formando o volume *Hespanha Moderna*. Esta obra põe-no em comunicação com os principais eruditos espanhóis: poetas, oradores, historiadores, artistas, o que lhe vale um encómio na Ibéria e a comenda de Isabel, a Católica. A imprensa espanhola publica muitos dos seus versos dos quais são feitas traduções por Ventura de Aguilera, Luís Vidart, Garcia Blanco e Victor Balaguer - o autor de *História de los Trovadores*. Romero Ortiz e Nuñez de Arce publicam vários artigos, nos quais é realçado o mérito do poeta.

Em Lisboa onde é professor no Liceu Central, hoje Passos Manuel, convive com as hostes ultra-românticas, frequenta os saraus literários na casa de Castilho, «o mestre do idioma», «o maior purista da língua portuguesa», que está na oriem da célebre «Questão Coimbrã». Nomeado professor de história, poética e literária para o liceu de Viseu, dá à estampa *Compêndio de História Pátria*, 1872, para as classes primárias; *Compêndio de poética e estilo*, que, reformulado, origina a *Teoria de composição literária*, que atinge a 10.º edição ainda em vida do autor.

Começa em 1875 a publicação de *Lições de literatura portuguesa*, que estão na origem da *História da Literatura* e que, apesar de provocar renhida polémica, atinge, na época a 9.ª edição. De uma e outra obra conhecemos edições até 1929. *Histórias contemporâneas* serão refundidas em 1898 sob o título de *Figuras de gesso* onde o conto «João Ninguém» não é mais do que uma autobiografia do autor, dando-nos um retrato vivíssimo e perfeito da Escola do seu tempo. Publicou ainda *Instrução secundária*, em 1880 e fez algumas traduções: de Jaime Luciano Balmes (político, escritor e filósofo espanhol), *Curso de Filosofia elementar*, Porto, 1881 e de Carlos Rubio, *Flor do Pântano*, Viseu, 1881.

Em Viseu, dirige, em 1878 o jornal liberal e patriótico *Observador* e em 1879 cria o *Districto de Viseu* de que é director durante 8 anos. <sup>(3)</sup> Desta época, encontramos, no *Epistolário* de Eugénio de Castro, a carta inédita que transcrevemos:

«Viseu, 18 de Dezembro de 84.

Meu caro colega:

Agradeço o exemplar das *Canções de Abril*, cuja leitura me deliciou.

<sup>(2)</sup> DIAS, J. Simões, Ruínas, Canções da nossa idade, Typografia da Democracia, Elvas, 1871 («Post Scriptum»).

<sup>(3)</sup> Frias, op. cit. pg. 214.

No *Districto de Viseu*, que lhe mando por este correio, anunciei o seu trabalho e disse dele o que julguei necessário dizer. É uma estreia auspiciosíssima que não há-de envergonhá-lo no futuro e a revelação de um belo talento poético, bem orientado.

Saudo-o pois, e ofereço-lhe com o preito do meu reconhecimento a homenagem da minha admiração e estima.

Sou com toda a consideração.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Colega e m.to ob.º,

J. Simões Dias». <sup>(4)</sup>

Que teria escrito Simões Dias, no *Districto de Viseu* sobre esta estreia do poeta de *Oaristos*?

Eleito deputado às Cortes por Mangualde, em 1879, mostra-se excelente orador e propõe que seja considerado de «gala nacional» o dia do tricentenário de Camões. Em Julho de 1880 ocupa duas sessões do parlamento como relator do projecto de lei de instrução secundária, onde revela grande erudição e actualização pedagógica, defendendo energicamente valores, métodos e processos pedagógicos que ainda hoje estão na ordem do dia.

Alguns dos seus discursos parlamentares tiveram várias publicações:

#### *SOBRE MATÉRIA DE PROPINAS*

«Entretanto mantemos a nossa antiga opinião: - o preço das propinas deve ser reduzido, para que o acesso aos lyceus não seja vedado às classes pobres.

Ainda que a lei preveniu a hypothese, mandando (art. 73) incluir no orçamento geral do estado verbas destinadas a subsidiar alumnos pobres.

Claro está que esta salutar e humanitária disposição da lei nunca foi lembrada pelos enternecidos defensores do estudante pobre.

Em conclusão: muito seria para desejar a máxima modicidade das propinas, mas nem por isso deixa de merecer a máxima censura o procedimento daquelles que, exaggerando de propósito a taxa do imposto escolar, converteram esse phantástico exagero em arma de combate e em criminosa exploração da credulidade das massas.

<sup>(4)</sup> Epistolário de Eugénio de Castro, cx 18, Bibl. Geral da Universidade de Coimbra.

(...) Pergunto aos srs. deputados, que impugnaram o alargamento do quadro de lyceus e fizeram notar a existencia de cadeiras escusadas, e por consequencia de professores a mais; pergunto por minha vez, e em nome do governo:

É dispensável o portuguez?

Estou convencido de que a primeira obrigação de um lyceu é ensinar a lingua official d'esse lyceu

Deve dispensar-se o francez?

Não; porque de todas as linguas conhecidas a lingua franceza é o instrumento mais facil e mais conhecido de universalisar o pensamento. É quasi que a lingua universal. Se a França é o centro commum do movimento litterário da Europa; se as idéas precisam de sancção d'aquella auctoridade para correrem mundo; se ella é como que o porta-voz do espirito europeu; se demais a mais a lingua franceza tem a nossa filiação linguistica, e pertence, como a nossa, ao mesmo grupo da familia neo-latina, não seria perigoso, não seria imprevidência supprimir o francez do quadro dos nossos lyceus? (Apoiados.)

A camara não espera por certo que eu a fatigue...

Vozes: - Não fatiga, não fatiga.

O orador: - É inutil desenvolver as razões, em virtude das quaes o governo conservou no quadro dos lyceus as cadeiras de geographia e historia, de sciencias physico-naturaes, de desenho e legislação civil. Não o farei.

A unica cadeira introduzida no antigo quadro é a de elementos de legislação civil, de direito publico e administrativo portuguez, e de economia politica.

Esta é a unica que poderia ser impugnada por aquelles que acham excessivo o numero de disciplinas dos lyceus. Mas não foi.

Um sr. deputado, pessoa habilissima, que eu respeito, porque é sem contestação um ornamento da universidade, uma gloria do fôro, uma illustração da camara, o sr. Dias Ferreira, fallando sobre este ponto na ultima sessão, não pôde impugnar a necessidade d'esta cadeira, não o poderia fazer como professor de direito que é, suspeitou apenas que ella não podesse ser ensinada por falta de mestres, porque aquelle ensino nos lyceus requer vinte e um professores, e s. ex.<sup>a</sup> desconfia que no paiz não ha vinte e um professores habilitados para tal serviço!

Nós não importámos nada do estrangeiro, nem precisavamos importar.

N'este ponto peço licença para dizer a v. ex.<sup>a</sup> que o ensino profissional o tivemos cá antes que o tivessem lá fóra; e que o ensino classico o tivemos nós no mesmo momento historico em que os mestres o fizeram fructificar em Italia, na França, na Allemanha, na Hespanha, na Inglaterra e nos outros paizes por onde chegou a espalhar-se.

Nós, como nação que communga n'um certo grupo de principios que são analogos aos que dominam a esphera intellectual de uma certa raça, não podemos isolar-nos.

O isolamento de pessoas, de corporações, de paizes que precisam amparo, acaba sempre pela morte.

É necessário collocarmo-nos na corrente do seculo, na estrada coimbrã, na estrada larga da civilisação da epocha.

É necessário que não se quebrem os laços da solidariedade que prendem os interesses das nações; e esse laços de solidariedade não são só da ordem política, são também da ordem litteraria e da ordem scientifica.

Um povo que fique para traz morre infallivelmente ou sujeita-se a ser esmagado pelos outros que, vindo mais tarde, lhe passam por cima. (*Apoiados.*)

Eu não tenho horror pelos estrangeirismos: sou homem do meu seculo, e quando nas escholas do meu paiz não encontro o ensinamento de idéas de que o meu espirito necessita, vou buscal-o fóra e não me envergonho d'isso.

O paiz é pequeno, é pobre: mas é honrado e coherente. Appello para as muitas intelligencias da minha terra, que já alguma vez pensaram na nossa posição especial em frente da Europa.

A verdade é esta: Portugal não tem a vaidade de crer que possui em si muitos oradores como a Hespanha, muitos philosophos como a Alemanha, muitos artistas como a Italia, nem o espirito inventivo doa Estados-Unidos, nem o genio mercantil da Inglaterra, nem a tendencia colonial da Hollanda, nem a industria da Suissa, nem o respeito pelas instituições, quasi que um culto, da Belgica. Esta é que é a verdade. (*Apoiados prolongados.*)

Esta superioridade dos estrangeiros não é deshonorosa para nós, mas é mais honrosa para elles. (*Apoiados. - Riso.*)

Sr. presidente, eu devo confessar a v. ex.<sup>a</sup> que a minha vaidade de portuguez não se belisca de fôrma alguma, quando vejo justificar com provas na mão o adeantamento moral e politico das nações que não são a minha. Tanto mais que não ha razão nenhuma para se asseverar a proposito d'este projecto que o nosso mal é o estrangeirismo, a cópia ou a imitação do que se faz lá fóra. Eu conto que ainda hoje poderei demonstrar à camara que este projecto não é uma imitação e que não foi trazido da França, copiado da Allemanha, transportado dos Estados-Unidos, importado da Italia, plagiado da legislação belga.

Este projecto é profundamente portuguez, é só nosso, não o devemos a ninguem; foi feito à custa de elementos aproveitaveis, que andavam dispersos no ensino de diferentes paizes, mas não foi copiado, nas suas disposições fundamentaes, de nenhum projecto estrangeiro, de nenhuma legislação particular de qualquer paiz.

E agora parece-me que estou chegado ao ponto principal da questão. O governo manda derramar por todas as terras importantes do paiz o ensino secundario e elementar indispensavel para quaesquer cursos profissionaes, intermedios aos cursos geraes e aos cursos superiores das faculdades e das escholas.

O governo, fazendo isto, acudiu a uma grande necessidade publica, porque vai habilitar cidadãos, que até aqui não tinham habilitação sufficiente para exercerem qualquer carreira, profissional, artistica, commercial, industrial, agricola, militar, ou ecclesiastica. (*Apoiados.*)

Esta instrucção geral é a que Ferneuil reclamava, ainda o anno passado, e está reclamando a estas horas, para a França. Porque a França não a tem lá, porque o ensino especial francez e a eschola real allemã não são isto; porque os lyceus francezes e os gymnasios allemães não são o mesmo que os nossos lyceus. É um ensino assim que quer este escriptor de grande nota, que reclamam outros de não inferior merito, como são Dúbois Reymond, antigo reitor da universidade de Berlim, e John Stuart Mill, reitor da universidade de Sancto André na Inglaterra.

Se quer seguir os altos estudos do curso superior de lettras ou alguma das faculdades de direito e theologia, frequenta em dois annos o curso complementar de lettras; se prefere as sciencias physico-naturaes, frequenta o curso intermédio de sciencias, se quer ficar ali, se tem aspirações modestas e se contenta com ser operario, commerciante, agricultor, fre-

quentará em breve trecho os cursos technicos respectivos, alguns dos quaes já estão creados e outros virão adaptar-se ao curso geral, como os ramos de uma grande arvore se adaptam a ella e rebentam do mesmo tronco. (*Apoiados.*)

O caminho, repito - está aberto para as carreiras litterarias, para os institutos industriaes de Lisboa e Porto, para os outros institutos profissionaes.

Collocado n'esta ordem de idéas, o meu espirito não póde deixar de acceitar como um princípio altamente democratico, e como um direito indisputavel, o suffragio universal.

Pois apesar de todos os meus princípios, de todas as minhas convicções, de todas as minhas noções de liberdade, hesitaria em votar o suffragio universal, sem que essa votação fosse acompanhada ou precedida pela votação do ensino obrigatorio; e sabe v. ex.<sup>a</sup> porque? Porque eu receiaria que o suffragio universal se transformasse em arma perigosa nas mãos de quem não soubesse manejar-a!

Annuncia o *petit journal* que M. Isaac Pereira, de origem hebraica, e talvez descendente de algum d'aquelles infelizes hebreus, tão barbara e tão ingratamente expulsos da Peninsula pelo fanatismo dos catholicos e pelos caprichos politicos ou amorosos de el-rei D. Manuel; annuncia aquelle periodico, que Isaac Pereira abraza concurso para a solução de quatro questões economicas, propondo premios de 10:000 francos para cada uma das quatro memorias que as resolvessem, devendo uma d'estas tractar do modo pratico de extinguir o pauperismo.

Declara o programma do concurso que para resolver este problema social não basta a organização do credito, a organização de previdencia para a velhice, a instituição de caixas de depositos economicos para operarios pobres; o principio dado para a solução do problema é a generalisação do ensino.

Já v. ex.<sup>a</sup> vê que eu tinha razão, quando asseverava que a questão do ensino deveis preceder todas as outras questões, sem exceptuar a questão economica.

Se me fosse permittido remontar a questões de mais alta transcendência politica e social, eu demonstraria que a felicidade dos povos depende de bem pouco, de uma singelissima formula: de equilibrio entre a liberdade do cidadão e a liberdade do estado!

Cahem os povos, se a liberdade do cidadão predomina sobre a do estado. Succedeu isto em Athenas. Afundam-se as nações, quando a liberdade do estado domina a liberdade do individuo. Succedeu isto em Roma. (*Apoiados.*)

Esta, principalmente, caiu desphacelada miseravelmente, roida de todos os vícios que lhe vinham minando a existencia desde largos seculos, esmagada debaixo do seu proprio peso, porque centralisou de mais; porque annullou completamente a liberdade individual!» (*Apoiados.*)<sup>(5)</sup>

Deputado durante três legislaturas por Mangualde, Pombal e Mértola, mostra-se frontal e firme nas suas convicções democráticas e chefia uma numerosa comissão distrital, pedindo a D. Luís, a demissão do Governo. José Simões Dias regressa a Lisboa e dirige em 1887 e 1888 o jornal progressista *Correio do Norte*. Funda, com Cândido de Figueiredo, Visconde Sanches de Frias e Oliveira Simões, o *Globo*, folha diária de 1888 a 1891. Redige o *Tempo* com Lobo de Ávila e Oliveira Martins.

Porém, Simões Dias é conhecido entre nós como o poeta das *Peninsulares* - versos amorosos e elegíacos de carácter subjectivo e sabor popular. E é Trindade Coelho que, em *Gente do século* escreve:

«Nas Peninsulares de Simões Dias, livro cujo máximo elogio se faz nestas simples palavras: que bem merece o título que o define - o verso de nove sílabas é empregado apenas uma vez, nesta delicada canção de berço:

*Dorme, filha, que eu canto a teu lado  
Trovas lindas d'um lindo trovar;  
Eu não choro, meu anjo adorado,  
Pois te embalo teu berço a cantar».*<sup>(6)</sup>

Na época, o verso de nove sílabas não era aconselhado. Era até menosprezado pelos poetas da literatura, embora muito popular entre músicos e libretistas. Jacinto do Prado Coelho informa-nos que Castilho o achava bellissimo desde que não se afastasse da cadência 3, 6, 9. É o verso

<sup>(5)</sup> DIAS, J. Simões, Instrução Secundária, Discurso Parlamentar, 2.ª ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 1883.

<sup>(6)</sup> COELHO, Trindade, Gente do sec. XIX, col. Clássicos da S. Portuguesa, n.º 12, ed. Ulmeiro, Lx, 1987, pg. 93 e 94.

preferido de Soares de Passos, que o cultivava em larga escala. O verso eneassílabo estava na moda e era adoptado pelos jovens poetas e apreciado pelos simbolistas na sequência de Paul Verlaine quando reclamava «De la musique avant tout chose». Mas era natural que o Poeta das *Peninsulares* não o usasse. Era um jovem quando começou a escrever os seus poemas. Os românticos liberais e folcloristas reconhecem no heptassílabo o veículo da tradição oral e a lira do povo. Castilho recomendava-o aos poetas aprendizes: «Começai os vossos trabalhos pelo mais fácil dos metros, o setessílabo...». Ainda hoje é a linguagem quase única do folclore, o metro da quadra popular. <sup>(7)</sup>

O próprio Simões Dias, no prólogo da 4.ª edição das *Peninsulares*, nos informa das tendências da Arte na sua época e das suas opções: «Este livro representa, com efeito uma fase da mocidade do autor; o seu valor, portanto, é todo pessoal. Mas sendo fora de dúvida que na direcção dos esforços individuais se anunciam os factos de interesse geral que marcam as grandes épocas da Arte, facilmente se observará no exame das peças deste volume a tal ou qual tendência do espírito poético português para despedaçar as peias do convencionalismo romântico, e retemperar-se nas águas lustrais da inspiração popular, a única verdadeiramente humana e sincera, como a compreenderam entre nós Luís de Camões e Frei Agostinho da Cruz». <sup>(8)</sup>

Não conhecemos as *Peninsulares*, por isso não podemos fazer uma avaliação crítica. Limitamo-nos a citar algumas das afirmações de Sanches de Frias num convite à leitura integral da obra, se for reeditada ou se algum «mecenas» a doar, para já, à Biblioteca Municipal para que, conhecendo-a, amemos o poeta como por certo merece.

Diz-nos Sanches de Frias: «O verso de Simões Dias é tão rico de naturalidade e graça que o Povo se aproprie dele, o vulgarizou, o assimilou, espalhando-o de terras em terra. Cantam-no os cegos e tocadores ambulantes. Cantam-no as gentes dos campos. E tanto assim é que Estácio da Veiga encontra quadras das *Peninsulares* como se fossem de criação popular.

---

<sup>(7)</sup> COELHO, Jacinto do Prado, Dicionário da Literatura.

<sup>(8)</sup> DIAS, J. Simões, *Peninsulares*, 5.ª ed. Liv. Tavares Cardoso e Irmão, Lx, 1899.

É no Algarve que ouve cantar as trovas do «Teu lenço»:

## O teu lenço

*O lenço que tu me déste  
Trago-o sempre no meu seio  
Com medo que desconfiem  
D'onde este lenço me veio*

*As letras que lá bordaste  
São feitas do teu cabelo;  
Por mais que o veja e reveja,  
Nunca me farto de vê-lo.*

*De noite dorme comigo,  
De dia trago-o no seio,  
Com medo que os outros saibam  
D'onde este lenço me veio.*

*Alvo, da côr da açucena,  
Tem um ramo em cada canto;  
Os ramos dizem saudade,  
Por isso lhe quero tanto.*

*O lenço que tu me déste  
Tem dois corações no meio;  
Só tu no mundo é que sabes  
D'onde este lenço me veio.*

*Todo elle é de cambraia,  
O lenço que me offertaste;  
Parece que inda estou vendo  
A agulha com que o bordaste.*

*Para o ver até me fecho  
No meu quarto com receio,  
Não venha alguém perguntar-me  
D'onde este lenço me veio.*

*A scismar neste bordado  
Não sei até no que penso;  
Os olhos trago-os já gastos  
De tanto olhar para o lenço.*

*Com receio de perde-lo  
Guardo-o sempre no meu seio,  
De modo que ninguém saiba  
D'onde este lenço me veio.*

*Nas letras entrelaçadas  
Vem o meu nome e o teu;  
Bemdito seja o teu nome  
Que se enlaçou com o meu!*

*Por isso o trago escondido,  
Bem guardado no meu seio,  
Com medo que me perguntem  
D'onde este lenço me veio.*

*Quanto mais me ponho a vê-lo  
Mais este amor se renova;  
No dia do meu enterro  
Quero levá-lo p'ra cova.*

*Vem pô-lo sobre o meu peito,  
Que eu hei de tê-lo no seio;  
Mas nunca digas ao mundo  
D'onde este lenço me veio.<sup>(9)</sup>*

<sup>(9)</sup> FRIAS, op. cit. pg. 214.

No *Cancioneiro de Músicas Populares*, na segunda página do volume II, encontrámos a seguinte referência:

*Se um dia o grande enfermo do Occidente  
Quizer saber se ainda existe ou não,  
Ponha sobre este livro a mão tremente  
E sentirá palpitar o coração.*

José Simões Dias.

«Esta estrophe foi recitada pelo snr. conde de Samodães, com a mão sobre os Lusíadas, em uma das conferências no Palacio de Crystal por ocasião do tricentenário de Camões. Julgamol-a tão apropriada à nossa obra, que aqui a reproduzimos». <sup>(10)</sup>

<sup>(10)</sup> *Cancioneiros de Músicas Populares*, Tip. Ocidental, Porto, 1893, 2.º v. pg. 2.

No mesmo volume encontrámos a letra e música anexa e chamamos particular atenção para a nota de fim de página. <sup>(11)</sup>

## O MORIBUNDO

À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Eugénia de Moraes Pereira.

CANÇÃO

Poesia do dr. José Simões Dias.

*Andante*

The musical score is written for piano and voice. It begins with a treble clef and a common time signature. The tempo is marked 'Andante'. The score consists of four systems of music. The first system shows the piano accompaniment with a dynamic marking of 'p'. The second system introduces the vocal line with the lyrics 'Da vi - da vou fin-dar o meu de - gre - - do, E não'. The third system continues the vocal line with 'mais te ve-rei so-nha-do a -mor, E dei-xo - te so-si-nha a-qui tão'. The fourth system concludes the vocal line with 'ce - do sem ao me - nos con-tar-te a mi-nha dôr!' and ends with a double bar line and repeat dots.

Da vida vou findar o meu degredo,  
E não mais te verei, sonhado amor;  
E deixo-te sósinha aqui tão cedo  
Sem ao menos contar-te a minha dôr!

A morte não vem longe, que eu bem vejo  
O término fatal do meu viver;  
E morro sem sequer um leve beijo  
Levar de cá por premio ao meu soffrer.

E morro sem o abraço da partida,  
Longe de ti, pombinha, que eu amei!...  
E vou-me, sem te ver, cá d'esta vida,  
Trilhar novos caminhos, que eu não sei.

Podesse ao menos ver-te junto ao leito,  
Dizer-te o que este amor por ti me diz:  
Podesse ainda unir-te n'este peito,  
Depois... oh ceus! morria tão feliz!...

Recollida em Unhaes da Serra (patria do author da letra, Bemfeita,) em 1870, onde era cantada pelos cegos, de quem a aprendeu o povo d'aquelle e outros logares.

<sup>(11)</sup> idem, vol. II, pg. 276.

E ainda este «hino de Cascais», cuja letra dedica à senhora D. Rita Augusta Alves Coelho:

### FADO DE CASCAES

À Ex. Sar. D. Rita Augusta Alves Coelho.

388

*Andante*

Si - len - cio! gui-tar-ra mi-nha, dei-xa ou-vir, dei-xa can-

tar, á bran-da luz do lu-ar, a vir-gem que a-do-ro e si-go. Ru-

mo-res que i-des pas-san-do pe-los ro-sci-raes em flôr, vin-de ou-vir o meu a-mor, so-

nhan-do a-mo-res com-mi-go, vin-de ou-vir o meu a-mor, so-nhan-do a-mo-res com-mi-go.

Mares que vindes à prais,  
Beijar a areia e morrer,  
Podeis de manso gemer.  
Mas de mansinho, cautella...  
Trovadores namorados,  
As vossas lyras calae,  
Emquanto se evola e vae  
Na aria d'amor a alma d'ella.

Harpas ethereas, silencio!  
Na lyra d'um cherubim  
Ella suspira por mim,  
O que eu por ella suspiro!  
Aves da noite escondidas,  
Na folhagem do rosal,  
Vinde ouvir vossa rival  
Emquanto eu gemo e deliro!

Venha a natureza em extasia  
Ouvir o harpejo subtil  
D'aquella voz infantil,  
Mysterio d'amor que adora!  
Silencio, que a virgem sonha,  
Sonhos d'amor ao luar!  
Deixae, deixae-a cantar  
Emquanto o mundo não chora!

SIMÕES DIAS, (12)

(12) idem, pg. 63.

A Condessa de Proença-a-Velha - «M. Grisalde» - musicou «Barca da Vida», de Simões Dias, <sup>(13)</sup> da mesma forma que musicou poemas de outros autores: Antero de Quental, Soares de Passos, D. João da Câmara, António Nobre, Eugénio de Castro, Junqueiro, Correia de Oliveira...

## BARCA DA VIDA

Poesia de Simões Dias

*Moderato*  
(♩ = 72)

Va-mos le-va-dos num-a bar-ca tris-te Pa-ra o a-bysmo de um profun-do mar... E co-mo vae ao leme a dor e o ri-so Uns vão a-rir, vão outro: a cho-rar...

<sup>(13)</sup> M. GRISALDE, Condessa de Proença-a-Velha, Os Nossos Poetas, Melodias portuguesas, Vibrações de hoje, Lisboa 1901-1918.

Leva esta barca tudo quanto e

xiste: Prantos de angustia e jubilos de a - mor, Barca da vi - da,

só não le - vas nunca O fardo e o norme d'esta immensa dor!...

*a tempo*

*rall. col. canto*

Pelos exemplos anteriores somos levados a afirmar que o poeta cumpriu os objectivos por ele definidos, numa tendência folclórica e popularizante revelando grande facilidade em interpretar o sentimento colectivo. Por isso, João Penha lhe diz «tu serás um dos poucos que ficam» e Bulhão Pato: «dá graças a Deus que ainda há nesta terra alma, talento e português». <sup>(14)</sup>

Noutros casos a sua poesia revela religiosidade cristã, como por exemplo este manuscrito, que encontramos colado na última página de um exemplar das Peninsulares, 4.<sup>a</sup> edição. <sup>(15)</sup>

## AOS PEQUENINOS

*Além tocam os sinos  
Que vozes, que harmonia!  
É o tom da Avé-Maria  
Que por vós todos clama.  
- De joelhos, pequeninos,  
que o pae do céu vos chama!  
Seus canticos divinos  
o órgão murmura agora,  
por vós todos implora  
a luz que o céu derrama!  
- De joelhos, pequeninos,  
que o pae do céu vos chama!  
Ouvi os sacros hinnos  
que entoa vossa mãe,  
a suplicar também  
por vós? Quanto vos ama!  
- De joelhos, pequeninos,  
que o pae do céu vos chama.  
Orae, orae meninos,  
na terra com fervor,  
onde o divino amor  
já vos atrai e inflama  
erguei-vos, pequeninos,  
é Deus que ao céu vos chama.*

José Simões Dias

<sup>(14)</sup> Frias, op. cit. pg. 214.

<sup>(15)</sup> DIAS, J. Simões, Peninsulares, op. cit. colocado na última pg.

Há por vezes na sua poesia também pessimismo, insatisfação, melancolia, sentimentalismo burguês, como é característico dos ultra-românticos que levaram estas características às últimas consequências. Simões Dias era um homem bem integrado na sua época.

Cândido de Figueiredo declarava num artigo no *Repórter*: «...Simões Dias, poeta genuinamente peninsular pelo seu temperamento e pelas vibrações da sua lira é de ontem, é de hoje e será de amanhã enquanto na alma peninsular ecoar essa música estranha a que os homens chamam poesia». <sup>(16)</sup>

Mas de todas as críticas que fomos encontrando a que nos dá a conhecer melhor o poeta vem do seu companheiro de Coimbra, Alberto Pimentel, em 1896: «Simões Dias, o mais peninsular dos poetas do romantismo, tem-se deixado esquecer como um peregrino cansado e triste que perdeu de vista a caravana.

«Mas a quarta edição de um livro de versos representa por si só um facto tão anormal na vida das letras portuguesas, que fala mais alto do que todos os elogios banais e todas as palmas das cortesias de botequim, que hoje se encomendam e amanhã se pagam, que hoje se recebem e amanhã se retribuem. (...) O público limita-se a ir ao mercado pedir, espontaneamente, a quarta edição de um livro, que não foi impresso em papel de linho nem em tipo elzevir, mas que ele considera bom, embora lho não tenham dito. É a eterna justiça que nasce de um impulso da consciência geral. (...) Naquele tempo da *Folha* de Coimbra, aparecerem, numa pujante floração de talento, o João Penha, o Crespo, o Junqueiro, o Simões Dias, o Cândido de Figueiredo, como sempre, em todas as gerações académicas, tem aparecido uma constelação de poetas marcando as épocas e os cursos melhor ainda que o *Anuario* da Universidade. (...) Simões Dias era, no ardor, um andaluz, o cantor das serenatas apaixonadas, dedilhando no meio do povo, entendido por ele, mas voltado para o *balcon* onde uma cabeça de mulher assomava envolta nas rendas da mantilha branca.

«Nas quis nunca procurar as rimas difíceis, nem os metros cultos, apesar de os conhecer tão bem, que veio depois ensiná-los. A redondilha era a sua linguagem predilecta, tão espontânea e correntia, como um jorro de água cantando na fonte dentro de uma bilha e enchendo-a.

«Sempre que os poetas conseguem impregnar-se do sentimento

<sup>(16)</sup> Frias, op. cit.

nacional, seja na epopeia ou na lírica, duram tanto tempo como o país a que pertencem. Os versos de Simões Dias não-de resistir a todas as correntes da moda e a todos os figurinos literários - são a expressão sincera e fácil dosubjectivismo português, tão verdadeira ontem, como amanhã. A nossa alma, no amor ou na descrença, na esperança ou na melancolia, está ali, eterna como uma cristalização. (...)

«Os pensamentos, a beleza das comparações saltam como pérolas, umas após outras, de um colar partido. (...) Não há a busca, nem a escolha atormentada de palavras, nem a preocupação artística da rima. O metro flui como um improvisado recitado junto ao escabelo da fiandeira enquanto ela escuta sorrindo. (...) É um poeta dos maiores que em terras de Portugal e Espanha têm sabido cantar o amor, a mocidade e a alegria. (...) Realmente, Simões Dias é um poeta peninsular, dos maiores e melhores». <sup>(17)</sup>

Curiosamente, é a pedido de Alberto Pimentel que Simões Dias escreve os seus últimos versos, de homenagem a Garrett.

Apreciemos, então, o poeta:

### CANÇÃO AO LUAR

*Gentis namoradas, ó pallidas môças,  
Erguei-vos do leito, que eu vou descantar;  
As trovas que solto são minhas, são vossas,  
Ouvi lindas trovas d'amor, ao luar!*

*A lua desponta num céu de saphiras,  
Exhalam perfumes os prados em flor,  
Ó lua saudosa, só tu é que inspiras  
Ardentes de fogo meus cantos d'amor!*

*Erguei-vos à pressa, trazei as violas,  
Passae-lhes nas cordas os dedos gentis;  
Ó lírios da noite, dobrae as corollas  
Aos beijos da lua, mimosas huris!*

*A lua vae alta, na altura descança,  
Resvala formosa nas ondas do mar,  
As vagas murmuram anseios d'esperança  
Aos beijos serenos do argenteo luar!*

<sup>(17)</sup> PIMENTEL, Alberto, Figuras humanas, Lx, 1905.

*O vento não geme, nem briza volteia,  
Profundo silêncio, que noite d'amor!  
Saltae delirantes na alegre choreia,  
Dobrae vossas hastes, roseiras em flor!*

*Um dia em que as auras beijavam as cordas  
Trementes, queixosas, do meu bandolim,  
Vê tu, Magdalena, se bem te recordas,  
Sorriste, poisando teus olhos em mim!*

*E as auras frementes, num trepido adejo,  
Qual bando de fadas, pairando no ar  
Correndo ligeiras roubavam-te um beijo,  
Ó noites formosas, ó noites de luar!*

*Teus seios tremeram, teu rosto de neve  
De pejo incendiado, qual lírio, pendeu;  
A lua na altura seu curso deteve,  
E ao longe um suspiro nos ares gemeu!*

*Gentis namoradas, tal sou como o vento  
Que em brandos suspiros se expraia no ar,  
As notas que tiro do alegre instrumento  
São vozes que gemem d'amor, ao luar!*

*Erguei-vos do leito, erguei-vos à pressa,  
Gentis namoradas, que breve é manhã!  
Mas antes que a lua no céu esmoreça,  
Olhae como brilha, como vae louçã!*

*Correi delirantes, ó lindas donzellas,  
Violas no braço, tangendo a primor,  
As finas cinturas dobrando-se bellas,  
Nos labios rosados suspiros d'amor!*

*Archanjos dormentes, ó pallidas môças,  
Correi às janellas a ouvir descantar;  
As trovas que solto são minhas, são vossas  
Ouvi lindas trovas d'amor, ao luar!*

## A LAVADEIRA

*Naquella ribeira,  
Naquelle remanso,  
Onde as águas fazem  
Como que um descanso,  
Linda lavadeira,  
Busto divinal,  
Bate o linho novo  
Do seu enxoval.*

*Andorinha leve,  
Prestes a voar,  
Linda borboleta  
Que busca o seu par,  
Pela veia d'água,  
Limpido cristal,  
Passa a teia branca  
Do seu enxoval.*

*Sobre a pedra lisa  
Bate o seu fiado,  
Para a sua cama,  
Para o seu noivado;  
E na verde relva,  
Junto do areal,  
Brilham finas peças  
Do seu enxoval.*

*Pela areia branca  
Do estendedeiro  
Bate o sol em cheio  
Como chuva d'oiro.  
Que lindo justilho!  
Que lindo avental!  
Que lindo vestido  
Que rico enxoval.*

*Olhos negros, negros  
Olhos tentadores,  
Quem mos dera, dera  
Para os meus amores!  
Peito afadigado,  
Lindo rosto oval,  
Vae lidando sempre  
No seu enxoval!*

*Como um passarinho,  
Sobre tenra flor,  
Se vê outro em frente  
Canta com ardor.  
Lembra-se do noivo  
E a pensar em tal  
Toda se remira  
No seu enxoval!*

*Bella franganita,  
Lindo olhar esquivo,  
Que me deixa agora  
Mais morto que vivo,  
Naquella ribeira,  
Naquelle areal,  
Bate o linho novo  
Do seu enxoval!*

*Pois que é do seu gôsto  
Deixem-na lidar,  
Môça casadoira,  
Prestes a casar;  
Saberá um dia,  
Não lhe queiram mal,  
Que tece a mortalha  
Quem faz o enxoval!*

## O TEU CANÁRIO

*Sempre que chega a tardinha  
E te encostas à janella  
Que tens defronte da minha  
Que sensação, minha bella!*

*A tua doida alegria  
Contrasta singularmente  
Com esta melancolia  
Que nenhum bem me consente*

*Todo o teu grande cuidado,  
- Que penosa vida a tua!  
É descansar um bocado  
A ver quem passa na rua!*

*Perdão, tens outro mais grave  
De maior lida e canceira:  
Tratar e animar a ave  
Que tens ahí prisioneira!*

*Esse canario, franzino,  
Melancolico, amarelo,  
Magro, sem voz, sem destino...  
Até faz tristeza vê-lo!*

*Que mysantropia a sua!  
Passaro mais ordinario!...  
De uma affeição como a tua  
Não é digno um tal canario!*

*Mas quando mais me incommodo,  
É se, a afaga-lo travêssa  
Te pões a beija-lo todo,  
Dos pesitos à cabeça!*

*E o pobre sempre tão triste  
A suspirar na gaiola!  
Ou lhe dês agua ou alpiste,  
Nada o diverte ou consola!*

*Elle sim! toma o biscato  
Que tu lhe levas na mão,  
E com uns modos de ingrato  
Atira com elle ao chão!*

*Vê tu como elle agradece  
O delicado presente!...  
Salvo seja, até parece  
Que tem coração de gente!*

*Quanto a mim, acho melhor  
Que o deixes ir passear  
Por esses campos em flor,  
A ver... se aprende a cantar!*

*De que te serve um canário  
Sempre a gemer na prisão?  
Prisioneiro voluntario...  
Só um leal coração!*

## A HERA E O OLMEIRO

*Perpassa o vendaval com brava senha  
No cume da montanha,  
E o ramo de hera que o olmeiro abraça  
Arranca e despedaça!*

*Tu eras, meu amor, qual ramo de hera  
Da minha primavera;  
Eu era, linda flor, qual triste olmeiro,  
O teu amor primeiro!*

*Mas veio sobre nós a dura sanha  
Do vento da montanha,  
E tu mimoso arbusto que eu amára,  
Tombáste, ó sorte avara!*

*Agora, em pó desfeita a planta linda,  
Por que é que espero ainda?  
Que a mesma ventania, quando passe,  
Me tombe e despedace!*

## SOL ENTRE NUVENS

*Se inda te apraz ouvir fallar de um morto  
Que em vida foi do amor favorecido,  
Verás nos versos meus o desconforto  
De um animo à desgraça emfim rendido!*

*Barco sem leme, sem farol, sem pôrto,  
De mil contrarias ondas combatido,  
Tal me tem sido a vida que hei vivido  
No escuro isolamento do meu horto!*

*Hoje que morto estou para a alegria  
Que nesse teu sereno e brando olhar  
Em tempos mais ditosos me sorria.*

*Inda uma crença faz meu peito arfar:  
É supôr que os teus olhos algum dia  
Sobre estes versos meus hão de chorar*

Porque nos parece pertinente dar a conhecer melhor quem é José Simões Dias, o poeta que dá o nome à Praça, onde se situa o edifício da Câmara Municipal do concelho de Arganil, servimo-nos do texto do Visconde Sanches de Frias, in *Memórias Literárias* <sup>(18)</sup> e que é o mesmo que serve de prefácio à 4.<sup>a</sup> edição das *Peninsulares*.

Na impossibilidade de o transcrevermos na íntegra, limitámo-nos a fazer dele um breve resumo, aproveitando mesmo algumas das suas frases e ilustrando-o com documentos que fomos encontrando. Pelo conhecimento que temos da sua obra, sabemos que, além do elogio mútuo tão em voga na época, o Visconde Sanches de Frias é um biógrafo fidedigno. Por outro lado, sendo contemporâneo de Simões Dias e tendo colaborado e fundado com ele *O Globo*, conheceu-o bem. Escreve o prefácio das *Peninsulares*, em vida do autor, que lhe terá fornecido alguns dados. Até assiste, impotente, à sua morte.

É graças a ele que podemos hoje conhecer melhor a vida deste hispanófilo devotado, historiador literário, incansável jornalista, pedagogo e pedagogo ilustre, o nosso «Poeta das Peninsulares». Pensamos que foi, exactamente da mesma fonte, que, em 1944, centenário do seu nascimento, se serviu o Dr. A. J. Vasconcelos de Carvalho para poder organizar o opúsculo que a Casa da Comarca e a Casa das Beiras lançaram para o rememorar e lhe render a homenagem que nós, seus conterrâneos, nunca lhe fizemos, devidamente. Morre o Poeta aos 55 anos e a natureza que tão bem cantou, chorou-o copiosamente. Uma chuva torrencial acompanha-o, sem arredar pé, até ao cemitério dos Prazeres, onde os alunos, encharcados até aos ossos, fazem cordões para ouvir a última lição do Mestre, numa derradeira e sentidíssima homenagem...

Se com este texto pretendemos lembrar o Homem, não queremos deixar de inseri-lo na Benfeita, sua terra natal. À laia de panfleto remetemos o leitor para uma das paisagens mais inibriantes do concelho, de inexaurível beleza, com jogos constantes de luz e sombra das folhagens, sobre a água,

<sup>(18)</sup> FRIAS, op. cit.

no céu, nas flores, nas ervas, nos animais... Ali, onde as águas correm de fraga em fraga, onde moinhos lendários teimam e moer o grão; ali, onde um Camille Pissarro teria invejado viver por todo o seu encantamento perante o espectáculo rural, pelo seu profundo amor pela terra, pela consciência da dignidade humana, amante como era de pacíficas paisagens, de cores doces e leves, de telhados de xisto, de... discricção; ali, onde a liberdade tem o rodopio do açor, a sombra do javali e o verde verde inconfundível da Mata da Margaraça.

Verdadeiro deslumbramento de luzes, de alegria de cores, de magia de reflexos e de sons... A atmosfera suspensa das paisagens, a quietude contemplativa, a poesia do interior silencioso é, neste espectáculo natural, elixir-resposta à nossa inquietação interior, nervosa. Conhecer Simões Dias é pois, ir com ele e, sob esta luxuriante beleza da floresta, onde tudo são «correspondências» e «cristalizações», ouvir cantar as quadras singelas que escreveu, na voz sussurante da Fraga da Pena.

Quadras e paisagem deram-se ao Mundo de «mão-beijada». Sem perderam a sua identidade, são hoje património nacional. O poeta, o açor, a Mata, irmanados no mesmo Fado. E... em vias de extinção? Não!... Apenas esquecidos.